

RESENHAS

SANTINI, Adrián. *Las Bienaventuranzas*. Estocolmo, Taller, 1981. 82 p.

A Editora Taller nos faz conhecer *Las Bienaventuranzas*, de Adrián Santini, livro escrito em junho de 1975 e somente vindo à luz seis anos após. Seu lançamento aconteceu num pequeno teatro, no centro de Estocolmo, denominado El Té-bano, por ocasião de um recital, em três de dezembro de mil novecentos e oitenta e um.

Adrián Santini, poeta, nascido em La Serena, Chile, atualmente estudante de Ciências Literárias na Universidade de Estocolmo, é um exilado, entre tantos outros que perderam a liberdade em seu país de origem e hoje se encontram na Suécia, país que os acolheu após 1974, constituindo um grupo de latino-americanos que lá se encontram, bem como espalhados por toda Europa. Iniciou suas atividades literárias com artigos escritos para vários jornais chilenos. Em 1978, publica *Después del Centauro* que é uma recopilação de poemas e canções escritos no exílio, e um ano depois surge *Oficio y Testimonio*. Para sua terceira publicação, *Las Bienaventuranzas*, Santini escolheu para epigrafá-la versos de León Felipe, figura representativa da literatura espanhola, os quais identificam a temática a ser desenvolvida. *Las Bienaventuranzas*, escrito sob a forma de "Cantata" é definida por seu autor como "una composición religiosa, cantable", embora apenas o título seja de caráter religioso, extraído da Bíblia. Em princípio, a "Cantata" é uma composição poética, para ser cantada, antiga forma de poema lírico. O próprio autor apresenta a Cantata como sendo um texto dividido em duas unidades líricas. Na primeira, é um falar de amarguras e desilusões; na segunda, de alentos e esperanças. As duas partes estão ligadas por um coro, no estilo das tragédias gregas para orientar o leitor sobre as unidades líricas. Vê-se, portanto, que o poeta procurou harmonia e equilíbrio entre o modelo e o concreto.

Sente-se, através dos primeiros versos, muita coragem e um espírito de luta bastante acentuado: (*Esta es mi voz/ que no tiembla/ ante la espada/ del que osó/ hincar sus uñas/ de esperpento/ entre tus vastedades/ de bandera*). Um

verso forte, vigoroso e inflamado faz explodir seus sentimentos e ressentimentos, sua tristeza e angústia. Para tal, expressões agressivas (*la trama de tu sangre, plantas heridas, cómplice expresa, iniquidad completa, abominación abierta, maquinación perfecta, ocultar su crimen, cuerpo mutilado fuselaje de odios, cuerpo herido*), cores fortes (*miel escarlata, bandera roja, pañuelo verde, amapola escarlata, hambre verde*) e questionamentos (*Quién puede contestar a/ mis palabras/ cuando su lengua trae/ cercenada?/ Quién, entonces, quién/ puede contestar a mis palabras?*), conduzem o leitor a uma reflexão séria e, quiçá, compenetrada sobre os problemas que afligem o mundo, denunciando as injustiças sociais. Na construção do texto comparações surgem para dar força expressiva às idéias, usando elementos de contrastes como a simbolizar a luta entre o forte e o fraco, opressor e oprimido (*Maldita la granada/ que se abrió/ como boca seductora, /Se trenza fino como un grito/ de agua, /tu alumbraimiento inútil como la flor que restregó/ su aroma*). Contudo, há esperança em dias melhores, certa confiança na vida (*cuando emerjam detrás/ del arco-iris/ quienes quiten del huerto/ la maleza...*).

Em consonância com o texto, o livro contém ilustrações de Rolando Pérez, pintor chileno, professor de Artes Plásticas, também exilado na Suécia, que, num traçado fino, rápido e espontâneo, são expressivas e altamente significativas, demonstrando, numa atitude de denúncia, a insatisfação do ser humano perante o contexto social e político em que se encontra o mundo.

Esse fenômeno emigratório, causado por imposição de uma situação política, faz com que as pessoas envolvidas no processo se deixem embalar pelo desejo de retorno à pátria, o que se torna uma constante em obras que florescem lá fora. Santini não escapou à regra, pois sente-se, não só nas entrelinhas, mas também em palavras que encerram um significado característico (*mi alma en pena/ sedienta de victorias*), alguém que pensa em voltar e sobretudo ser livre (*Al amparo del día/ y de la noche/ comienza a andar/ mi pueblo confiado*). O sofrimento moral e psicológico parece elevar a inspiração de Adrián Santini, o que demonstra a sua capacidade de expressão, o seu jogar sentimentos X palavras.

Deucélia La Banca

PUCCHINI, Dario. **Romancero de la Resistencia Española**. Barcelona, Península, 1982. 384 p.

O romance, composição poética em versos octossilábicos, nascido das antigas canções de gesta, desde fins do século XIV tem sido o gênero que mais se identifica com o povo tanto por sua simplicidade narrativa, como pelo seu caráter épico que exaltava os feitos gloriosos de seus heróis. Praticamente era o meio de comunicação da época, através dos jograis que cantavam de praça em praça esses versos monorrimos narrando a própria história do país. Na Espanha, a vida de Dom Rodrigo, o último rei dos godos; as façanhas de El Cid; as lutas entre mouros e cristãos. Reunidos nos romances, representam principalmente o espírito cavalheiresco do espanhol na Idade Média.

Tal gênero continuou latente na alma do povo e explodiu cinco séculos depois durante a Guerra Civil Espanhola, de uma maneira intensa, forte, apaixonada, servindo como arma de grande efeito psicológico contra as tropas de Franco. Este é o conteúdo do **Romancero de la Resistencia Española**: un relato lírico e épico ao mesmo tempo da Espanha "miserable y hermosa" no período sangrento de 1936 a 1939.

Demorou muito para que a Espanha conhecesse esta esmerada antologia do hispanista Dario Puccini, catedrático da Universidade de Roma. Exatamente vinte e dois anos. Publicada em Milão, em 1960, e com outras edições posteriores italianas e francesas, somente em 1982 veio à luz a edição espanhola, embora já em 1967 alguns exilados espanhóis no México tivessem se interessado pela tradução e levado a cabo a publicação naquele país.

A História tem sido escrita através dos grandes silêncios, dos grandes vazios, das grandes lacunas. A palavra, porém, não morre. Sufocada, ganha força. O dizer é inerente ao povo. O livro de Dario Puccini, dividido em três partes, reúne na primeira sob o título de **Romancero de la Guerra Civil — 1936-1939** e com os subtítulos de **Romancero** e **Los poetas y la guerra**, não só a voz dos que sofreram e perderam mas também a dos que lutaram, incentivaram e amaram desesperadamente a liberdade: "¡Ay ciudad, ciudad sitiada, /

ciudad de mi propio pecho: / si te pisa el enemigo, / será para verme muerto! (Emilio Prados).

Através de versos de forte apelo popular, poetas, milicianos e vozes anônimas das várias frentes republicanas exaltaram a união e a amizade nascidas nos campos de batalha, narraram a tristeza das separações, os rigores do inverno, os “tristes fríos de septiembre”, a fome (“Ayer amaneció el pueblo / desnudo y sin qué ponerse, / hambriento y sin qué comer”), criticaram a traição de Franco (Si la traición criminal / en ti franqueza se llama, / tu nombre es hoy la vergüenza / mayor que ha tenido España.), incentivaram a participação na luta contra os fascistas, cantaram os seus heróis como estes versos de Vicente Aleixandre para José Lorente Granero, um miliciano de vinte anos, fuzilado: “Apuntan nueve fusiles / a aquel noble y limpio pecho, / espejo de milicianos / y de valientes espejo, / y del desdén de su boca / un salivazo soberbio / va a aplastarse entre los ojos / del jefe vil fusilero. / ¡Que así va a afrontar la muerte / quien tiene temple de acero!”

Longe de serem somente versos escritos no calor dos combates, o tempo se incumbiu de mostrar a importância histórica e a qualidade dos escritos. Nada menos que Rafael Alberti, Vicente Aleixandre, Miguel Hernández, entre outros, enriquecem o romanceiro. E, mais que isto, deixaram seus nomes ligados de uma maneira efetiva àquela luta fratricida. Alguns, inclusive, foram as vítimas sangrentas dessa guerra. Para Lorca, o grande Lorca, o fuzilamento em 1936, no início da guerra. Para Antônio Machado, enfermo, o êxodo sob a chuva e o frio até a fronteira da França e a morte um mês depois num povoado dos Pirineus, em 1939, no final da Guerra, derrotadas as tropas republicanas. É justamente Machado que escreve estes versos para Lorca: “Se le vio, caminando entre fusiles, / por una calle larga, / salir al campo frío, / aún con estrellas, de la madrugada. / Mataron a Federico / cuando la luz asomaba. / El pelotón de verdugos / no osó mirarle la cara. / Todos cerraron los ojos; / rezaron: ¡ni Dios te salva! / Muerto cayó Federico / — sangre en la frente y plomo en las entrañas — / ... que fue en Granada el crimen / sabed — ¡pobre Granada! — en su Granada ...

Na segunda parte, sob o título de El exilio, la cárcel y la resistencia (1939-1965) transparece toda a marca, a ferida aberta, a lembrança triste. Um exemplo são estes versos anônimos: “Quien sufre su derrota aún no está derrotado. / Doloroso y tenaz es el recuerdo, vivo, / de España fusilada”. A saudade, o apego ao torrão natal, a incerteza da volta, são constantes nos poemas escritos pelos poetas exilados. A nostalgia, o passado, observamos a partir dos títulos: “Cuando

era primavera”, “Duras, las tierras ajenas” e “Canción del poeta que no quiere desesperarse” (Alberti); “Hoy que llevo mis campos en mis ojos” (Pedro Garfias); “Un español habla de su tierra” (Luis Cernuda).

Comovente mostra da solidariedade humana é *El homenaje del mundo*, matéria da terceira parte da antologia. Por aí vemos desfilar as palavras de trinta e dois poetas estrangeiros, entre os quais Neruda, Cesar Vallejo, Nicolás Guillén, Paul Eluard, Aragon, Ilya Ehrenburg, retratando uma Espanha destrocada, compondo um Guernica coletivo: “Sus cuerpos están rotos sus huesos están rotos sus labios están rotos” (Archibald Macleish); “Y por la noche las caras rotas, las vendas negras de sangre” (Ben Maddow).

Reflexão, muita reflexão, é o que provoca este *Roman-cero*, definido por Puccini como uma “*Iliada* escrita por inumeráveis mãos”. De indiscutível valor documental, seus anseios de paz fazem-no atual e necessário.

Leonilda Ambrozio

GARCIA MARQUEZ, Gabriel. *El olor de la guayaba; conversaciones con Plinio Apuleyo Mendoza*. Bogotá, La Oveja Negra, 1982. 133 p.

Talvez seja demasiado gasta, mas ainda é uma excelente hipérbole para quantificar o que já foi escrito sobre Gabriel García Marquez e sua obra: rios de tinta. Em 1971, quando Mario Vargas Llosa publicou *García Marquez: historia de un deicidio*, já apareceram arrolados neste livro quarenta entrevistas e quase duzentos títulos entre resenhas, artigos e livros. Dez anos se passaram e o rio de tinta continuou a correr: estudos, interpretações, teses, livros e entrevistas — centenas de entrevistas. Evidentemente, Gabriel García Marquez dedicou muito de seu tempo a exercer o ofício de escritor. Porém, diante desse imenso material que trata de sua vida e de sua obra, é claro que tampouco foi pequeno o tempo despendido para responder, responder, responder. Sobre sua vida, sobre sua vida literária, seus livros, seus personagens, sua técnica de criação, seu relacionamento com as pessoas, com as instituições, com o mundo.

Em maio deste ano, foi publicado na Colômbia e simultaneamente no México e na Espanha *El olor de la guayaba* anunciado como o último livro de Gabriel García Marques. O sugestivo título faz pensar num belo romance tropical. O sub-título, porém, esclarece: conversa com Plinio Apuleyo Mendoza. Uma longa entrevista, mais uma longa entrevista.

Apresenta-se ordenada por temas — a família, o ofício, leituras e influências, a política, as mulheres, as superstições, os gostos, as manias, a obra, com ênfase em duas delas: *O outono do patriarca* e *Cem anos de solidão*. Entre eles, algumas explicações consideradas necessárias pelo entrevistador e que formam respectivamente o primeiro e o segundo capítulos: “Origens” e “Formação”. O sétimo capítulo trata do que em *Literatura Comparada* se chama o destino de uma obra e no caso de Gabriel García Marques o destino de suas obras até o êxito apoteótico de *Cem anos de solidão* e o que foi a sua vida enquanto esse êxito não chegou. No décimo capítulo, “Hoje”, Plinio Apuleyo Mendoza apresenta um escritor, de certa maneira, diferente daquele que há alguns anos atrás se iniciara na *Literatura*.

O entrevistador é amigo de Gabriel García Marquez desde os tempos da juventude. Este fato é citado na contra-capa do livro e ao longo do texto aparecem menções à vivências comuns. É como se a longa amizade que une entrevistador e entrevistado fosse razão suficiente para explicar o porquê do livro, a paciência com que o romancista responde à perguntas já respondidas e a sua generosidade em dividir as glórias e os direitos autorais do livro.

É inegável que em se tratando de certos autores e no caso muito especial de Gabriel García Marquez, o entrevistador deveria possuir faíscas de gênio além de razoáveis conhecimentos de bibliografia sobre o seu entrevistado, para colocar questões, digamos, originais. Não é o que acontece em *El olor de la guayaba*. Grande parte do material contido no livro já fora publicado no número 178 de novembro de 1981 do *Magazine Littéraire* num dossiê de vinte páginas, contendo, além de páginas assinadas por Jacques Gilard, Jean François Fogel, Albert Bensoussan, entrevistas feitas por Manuel Pereira e por Jesus Ceberio e dois inéditos de Gabriel García Marquez: "A narrativa da narrativa" sobre *Crônica de uma morte anunciada* (texto este já publicado no Brasil por Oitenta) e a poesia ao alcance de todos.

Esta falta de originalidade é, muitas vezes, demasiado evidente. Quando, por exemplo, o entrevistador menciona nas suas explicações, fatos já narrados por outros autores quase sem se dar ao trabalho de modificar as frases. Ao reproduzir, praticamente, as palavras de François Buy a propósito da riqueza de Arataca no período áureo das plantações de banana que aparecem em *La Colombie moderne, terre d'espérance*, livro publicado em Paris em 1968, palavras citadas por Mario Vargas Llosa no seu livro sobre Gabriel García Marquez. Isto lhe tira um pouco de credibilidade e mais ainda quando se afasta — sem mostrar razões que o justifiquem das versões já publicadas de fatos relacionados com a vida de Gabriel García Marquez bastante conhecidos.

É evidente que nas cento e poucas páginas que compõem *El olor de la guayaba* — entre as quais se inserem fotos que, inclusive, pouco tem a ver com a matéria do livro — aparecem aqui e ali um ou outro elemento novo: algum dado que satisfaz a curiosidade do leitor de Gabriel García Marquez ou suas brilhantes colocações. Assim, a mediocridade das perguntas e uma possível razão irritante do livro passam a ter menos importância diante do prazer de ler, de mais uma vez ler, Gabriel García Marquez. E, talvez assim é que deva ser: a existência desse evidente desequilíbrio entre o nível da pergunta e o da resposta e que esta resposta seja, essen-

cialmente, o livro. O que, parece, não invalida a dose de oportunismo que envolve tal tipo de publicação que, neste caso, não desmerece o entrevistado somente porque já é por demais conhecida a sua capacidade em aliar coerentemente idéias com a prática de vida. Então, o respeito que suscita talvez somente seja superado pela admiração que o seu extraordinário poder de criação provoca no leitor.

Obviamente, não é necessário acrescentar, com o Nobel que foi dado a Gabriel García Marquez aumentarão de muito e em breve espaço de tempo esses rios de tinta que sobre ele irão correr. E, embora *El olor de la guayaba* venha pouco ou quase nada acrescentar é evidente que o anseio de lucro fará com que sejam ignorados julgamentos objetivos e aproveitados os auspiciosos momentos de vendas que se sucedem à concessão de um dos mais cobiçados prêmios literários do mundo. Assim, não será de estranhar que em breve tenhamos a nosso dispor *El olor de la guayaba* traduzido para o português.

Cecilia Zokner

DISCURSO DE INAUGURAÇÃO DA SALA MIGUEL WOUK

Tenho pra mim que falar de M. Wouk é um pleonasmo: suas obras, suas atividades foram cristalinas como sua própria vida.

Hoje esta tarefa me impus por um dever de gratidão. Tudo quanto ele realizou, na humildade, servirá de exemplo para as gerações vindouras.

Senhor Reitor, Ocyron Cunha, nosso amigo, Professores, Alunos, caros Amigos.

Recebo esta homenagem feita ao meu Marido e Pai de meus filhos.

Olhando para este ambiente, esses corredores, sobretudo para esta sala, repasso na minha retina, como num filme, todos os momentos que o Miguel aqui passou.

Era como se fosse a sua segunda casa. Aqui estudou, escreveu, atendeu colegas e alunos.

Homem bom, simples sabia se doar sem fazer alarde. Dotado de senso de humor e de requinte no trata social, distinguiu-se por sua inteligência, perspicácia; tudo nele denotava o seu valor e competência.

O recato, a sobriedade, a decência enfim a ausência de vaidade, para mim que com ele convivi 31 anos, foi a marca distintiva de sua trajetória.

Graças a sua riqueza de referências culturais e acima de tudo, a um domínio magistral da língua foi um MESTRE.

Modesto era capaz de ouvir, para aprender, a menor lição de um colega e até mesmo de um aluno.

As tarefas de correção ele as desempenhou com clareza e absoluta precisão, qual um restaurador da língua; o resultado era um trabalho de artista pela preocupação com o detalhe que realça a sutilidade.

Conhecia os meandros e a complexidade da língua, como poucos. Redigia bem e escrevia com simplicidade e elegância.

Aqui oculto atrás de um livro ele está sorrindo ora irônico, ora benevolente e deve estar dizendo:

“Pra que tudo isso minha gente? Será que eu mereço? Amei profundamente nossa língua e fui apenas um professor de Português”.

Você deve estar se divertindo Miguel, sobretudo de me ver e ouvir falar sobre o seu trabalho, seu modo de ser.

Você sempre foi tão avesso aos elogios!

Homem maduro, honesto, talento de pesquisador, as homenagens o constroem.

Pois bem meu caro, nós estamos aqui na sua sala, hoje ela tem o seu nome. Foi homenagem de seu Departamento e de seus Colegas.

Há ainda o lançamento do Estudo Etnográfico Lingüístico da Comunidade Ucrâina de Dorizon.

Esse trabalho seria a sua tese para a Cátedra de Filologia Românica, para a qual se inscreveu e não teve a oportunidade de defendê-la, porque os concursos não foram realizados.

Você iria se alegrar com mais essa realização.

Suas vitórias eram no campo intelectual.

Sobre vários assuntos de sua especialidade escreveu muito e nada pôde publicar, por falta absoluta de condições e de tempo.

Sempre se sacrificava em benefício dos outros e em detrimento próprio.

Tudo o que você sonhou está agora chegando aos poucos.

A sementeira foi pródiga e a colheita promete ser fecunda.

E você não está aqui para presenciar o fruto de seu labor e para agradecer àqueles que hoje lhe prestam homenagem.

Deixou-me só para realizar essa tarefa, e eu não sei desempenhá-la como você gostaria...

Se não tivesse partido, nada disso teria acontecido.

Você poderia ter ficado conosco, fazendo a nossa felicidade!

Mas a vida lhe pregou uma triste surpresa!

Eu sei que você não queria nos deixar. Você lutou para ficar conosco. Tentou resistir enquanto pôde; sua resistência chegou ao limite extremo e depois se foi...

Esta sala não está vazia; nela você se encantou com a sua magia. Aqui continua com seus livros de Filologia Românica (a sua namorada), de Lingüística, com sua pesquisa sobre Guaraqueçaba, o sonhado Mapa Lingüístico do Paraná e sobretudo defendendo a correção e a pureza da língua.

O seu trabalho vai ter seqüência. Pra mim é difícil imaginá-lo no passado; pra mim você não era; você é e será nas gerações de alunos que ensinou, orientou e formou; sobretudo nos seus filhos: Bia e Antoninho.

A tristeza não convém a esta hora, a alegria sempre, iluminou seus olhos azuis; sua testa altiva; seu semblante ascético.

Na sua ausência-presença alegremo-nos com você e por você.

Vamos abrir aquela gaveta, ali deve haver um pedaço daquele chocolate de que tanto gostava... pra adoçar a amargura desta hora.

Hoje é dia do seu aniversário; o primeiro que passamos sem vê-lo. A saudade dói demais e a gente vai suportando a sua falta com aquela coragem estoica, com a qual nos ensinou a superar os momentos difíceis.

A festa este ano é diferente. Não há bolo, nem champagne de que você gostava. Há muito calor humano e uma saudade dolorida, que se pode perceber em cada olhar.

A família aumentou, pra te beijar veio o Dove.

Você não teve tempo de vê-lo aqui, partiu antes...

É o nosso netinho querido! Ele se une a nós e aos seus amigos para beijá-lo e abraçá-lo.

Permita que em sua memória, os filhos, o netinho e eu agradeçamos esta homenagem que hoje lhe fazem com tanto carinho.

Obrigada Neguinho, pelos felizes anos que pudemos viver juntos, pelas imensas alegrias que você deu a todos nós.

Restam-nos hoje a sua lembrança suave e uma saudade infinda.

Maria das Dores Wouk

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A. Dos Autores

- CARVALHO, O.G. Rego de. **Rio subterrâneo**. Teresina, Meridiano, s.d. 119 p.
- RODRIGUES, Bernardo. **Um consultório na roça**. 2.ed. Anápolis, Gráf. Walt Disney, 1982. 82 p.

B. De Edições Achiamé

- FRIEDENREICH-SCHAFFER, Alma. **Vermelho e azul**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1982. 62 p.
- JAF, Ivan. **Átomos partidos**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983. 150 p.
- JAKOBSKIND, Mário Augusto. **A hora do terceiro mundo**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1982. 97 p.
- ROLLIMBERG, Aparecida Miguel. **Histórias de um barrigão**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1982. n.p.
- SUSSEKIND, Flora. **Negro como arlequim**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1982. 78 p.

C. De SEL Editora

- **Cadernos Germano-Brasileiros**, v.21 n.3, maio/jun. 1982.